



CRÉDITOS FOTO: EPAMIG - CESP

# Proibição definitiva do uso do glifosato, prevista em 5 anos, vai complicar a vida do agricultor

*J.B. Matiello- Eng Agr. Fundação Procafé*

Foi anunciada, recentemente, a notícia de retirada do mercado de produtos à base de glifosato. Em seguida, países da Europa, reunidos, decidiram dar um prazo de 5 anos pra retirada definitiva. Com certeza, vai haver problemas no uso de outras alternativas, com dificuldades para a agricultura e o produtor. Aqui se comenta algumas vantagens do uso do produto e se analisa custos e inconvenientes futuros da sua retirada do mercado.

O glifosato é um herbicida sistêmico de ação total, com efeito de pós-emergência, ou seja, é aplicado sobre as ervas depois delas crescidas, diferentemente dos herbicidas de pré-emergência, aplicados para evitar a germinação das sementes. Deste modo, atuando sobre quase todas as ervas, matando-as quando já crescidas, forma uma camada de mato morto sobre o solo, protegendo-o do arrastamento pelas águas de chuva - da erosão. No mesmo sentido, ao manter

as ervas no local, as raízes mortas formam canalículos, pelos quais a água caída na área (das chuvas ou irrigação) aumenta sua infiltração, beneficiando as culturas econômicas ali exploradas e, ainda, beneficia a infiltração para o lençol e a consequente melhoria na formação das nascentes.

O glifosato é uma ferramenta extremamente útil, seja na agricultura de cereais, como soja milho etc, seja em culturas perenes como café, citrus cana etc.

Nos cereais o sistema de plantio direto, após à aplicação do glifosato, evita gastos e prejuízos com o preparo mecânico do solo, por aração e gradagens, as quais facilitam o arrastamento de terra, levando o solo da área cultivada, este podendo assorear as nascentes e, ainda, ao se infiltrarem as partículas finas, de argila, nas áreas planas, formam camadas adensadas sub-superficiais, prejudiciais ao enraizamento profundo das plantas cultivadas, que assim, estarão mais susceptíveis às estiagens. Aliás, o plantio direto evoluiu e pode-se dizer foi uma invenção ou evolução da agricultura brasileira. Nesse sistema o uso do glifosato se mostra, assim, uma ferramenta que ajuda a ecologia, pois preserva o solo e a água, melhora o nível de matéria orgânica e os micro-organismos do solo. Além disso, ainda no aspecto ambiental, seu uso é vantajoso, pois evita, enormemente, o uso de óleo diesel pelo maquinário, pois substitui várias operações mecanizadas, estas, obviamente, dependentes de mais diesel, sabidamente poluente.

Para mostrar a vantagem do uso de glifosato em culturas perenes, um bom exemplo é a cultura cafeeira, explorada não só em áreas mecanizáveis como em zonas montanhosas, onde antes do uso do glifosato, no controle do mato, o tradicional eram as capinas com enxada, onerando os custos de produção, e, até, em certos períodos, podendo reduzir a ampliação de áreas, pois a exigência de empregados, nem sempre é atendida dentro das necessidades, faltando trabalhadores em muitas regiões, isto sem falar no trabalho que requer muito esforço, de forma desgastante, feito por enxadas.

O sistema de controle químico do mato, onde se emprega, nas lavouras cafeeiras, em mais

de 90% delas, o glifosato, isoladamente ou em combinação com outros produtos ou sistemas de controle, oferece, ainda, a vantagem de custo baixo. Atualmente com 2 L de glifosato comercial por há controla-se a maioria das ervas a um custo de cerca de R\$26,00 de produto por há e mais o custo operacional, sendo 1,5 homem/dia por há ou 1,2 h de trator/ha, ou seja, ficando um total de cerca de 130,00 por há. Com uma capina manual pode-se gastar cerca de 7-10 dias por há, isso ficando por 500-700,00 por há.

Com as possíveis substituições futuras, que hão de vir, seja com novos produtos para controle químico do mato, seja sistemas que utilizem mais controles manuais ou equipamentos de capina mecânica, pode-se depreender, pelo que foi exposto, que o agricultor e a agricultura sairão prejudicadas, com a retirada do glifosato. No caso da cafeicultura sairão mais prejudicados especialmente os cafeicultores onde as alternativas ao produto deverão ficar mais difíceis e onerosas, como é o caso das regiões montanhosas e de cultivo do conilon, áreas difíceis de mecanização do controle.

Este filme, como se diz comumente, ou essa situação, já vimos, recentemente, com o banimento do endossulfan. Apareceram alternativas de custo alto e/ou de pouca eficiência e o resultado estamos vendo na prática. Voltou a ser problema o ataque da broca do café, praga a qual aumentou bastante sua infestação, com os prejuízos decorrentes disso.

Os agricultores e, em especial, os cafeicultores precisam, desde já, ir se preparando, de um lado buscando prolongar o uso do glifosato, ponderando as suas vantagens. Por outro, caso venha mesmo a haver esse banimento,

previamente devem procurar estudar e testar alternativas para uso futuro em suas lavouras. Os técnicos terão muita responsabilidade nisso, através de trabalhos de pesquisa e posterior difusão das tecnologias.

Finalmente, não sabemos com precisão os motivos que levaram à proibição, depois de tantos anos de uso, mas é coerente uma pergunta. Por que só agora, será que o produto era adequado, por tantos anos e só agora ficou inadequado? Será que produzir alimentos em lavouras, a custos compatíveis com o poder aquisitivo das populações não é, também, uma prioridade, ou apenas o é a questão de pequeno prejuízo ambiental, o qual supomos seja o caso da proibição? ☹

